

BALSAMÃO, EPICENTRO DE UM TERRITÓRIO

Desde há 400 milhões de anos

Centro Cultural de Balsamão, 2013

BALSAMÃO, EPICENTRO DE UM TERRITÓRIO

Desde há 400 milhões de anos

50 anos da Abertura do Concílio Vaticano II

Centro Cultural de Balsamão, 2013

APRESENTAÇÃO

“Balsamão, epicentro de um território desde Há 400 milhões de anos” : foi este tema das XV Jornadas Culturais de Balsamão, que se realizaram de 4 a 7 de Outubro de 2012. Um tema apaixonante!

No primeiro dia, conhecemos Balsamão na história, desde os tempos da reconquista cristã aos Mouros até aos nossos dias, passando pela primeira vinda dos Marianos para este monte, com o Venerável Frei Casimiro, em 1754, e com o regresso e reconstrução, em 1954. Falámos das águas minerais da Abelheira, do património artístico e da actividade pastoral. E ouvimos o silêncio!

À noite, jantámos em Peredo, onde saboreámos a hospitalidade generosa do Sr. João Saldanha. Muito Obrigada!

No segundo dia, ficamos a saber o que aqui aconteceu há cerca de 400 milhões de anos. A manhã foi de conferências, à tarde, de visitas. Somos crosta oceânica! O Maciço de Morais, onde nos situamos, foi fundo do mar. No Poço dos Paus, no leito do rio Azibo, no sopé do monte de Balsamão, podemos encontrar vestígios dos diques do fundo do mar, por onde saíram as lavas que foram formando a crosta oceânica. O Dr. Eurico Pereira, especialista em geologia e autor da carta geológica do Maciço de Morais, fez falar cada uma das pedras que fomos encontrando. O Dr. Pedro Teiga, especialista em engenharia do Ambiente, deu nome à fauna e à flora que íamos encontrando. Foi muito bom!

FICHA TÉCNICA

Título:

- BALSAMÃO, EPICENTRO DE UM TERRITÓRIO
Desde há 400 milhões de anos

Editor:

Centro Cultural de Balsamão
Convento de Balsamão, 5340-091 CHACIM (Macedo de Cavaleiros)

Coordenação:

Pe. Basileu Pires, MIC

Secretariado:

Pe. Basileu Pires, MIC

Capa:

Pedro Coelho

Composição, impressão e acabamento:

Bringráfica – Indústrias Gráficas, Lda – Bragança

Local e data de edição:

Balsamão, Setembro de 2013

Depósito Legal N.º 364814/13

ISBN: 972-96862-3-8

N.º de exemplares: 100

Dia 7 de Outubro, domingo

- 09: 10h – Sessão da manhã – Preside: Beraldino Pinto (Presidente da Câmara de Macedo de Cavaleiros); Orienta: Ana Camelo (Vice-presidente do CCBAL)
- 09: 15h – **50 anos de Concílio Vaticano II: A Igreja em renovação para evangelizar com credibilidade** (José Eduardo Borges de Pinho, *Univ. Católica Portuguesa*)
- 10: 00h – **Balsamão Santuário e Convento, centro de espiritualidade** (João Carlos Rodrigues, MIC. *Pároco de S. Mamede, Fátima*)
- 10: 30h – Debate
- 11: 00h - Intervalo
- 11: 30h – Escolha do tema das próximas Jornadas
- 11: 15h – **Encerramento** pelo Presidente da Câmara de Macedo, Beraldino Pinto
- 12: 00h – **Eucaristia**
- 13: 00h – Almoço e despedida.

«Balsamão, lugar onde se ouve o silêncio». Do psitacismo à contemplação

José Maria Silva Rosa¹

Ao Irmão Casimiro Zmijowski †, de grata memória e grato silêncio, por entre as colmeias e os carrascos de Balsamão, e à Amélia Fontes, pelo silêncio da “mão direita” de que a “esquerda nada sabe”

«Livra-me, ó meu Deus, da loquacidade de que sofro no interior da minha alma (...).

Eu não estou calado em pensamentos, mesmo quando estou calado em palavras.»

(Santo Agostinho, *De Trinitate*, XXVIII, 51)

«Libère-moi de la trop longue parole!»

(Maurice Blanchot, *Le pas au-delà*, 1973, frg. 73, p. 187)

I

«Balsamão, local onde se ouve o silêncio»

Balsamão, como sabem e já experimentaram todos os que aqui estão², é um lugar de silêncio. Mas paradoxalmente, foi-me pedido para vir ir aqui falar. E eu aceitei entrar nesta ‘gritante’ contradição: tinha possibilidade de recusar e de ficar calado, mas não o fiz. Assim, tudo o que disser a seguir pode ser sempre usado contra mim, como no caso dos criminosos apanhados em flagrante delito.

¹ Universidade da Beira Interior

² Este texto resulta de uma Comunicação oral, pelo que “padece” das marcas de oralidade e dos deícticos próprios desta circunstância.

Enganar-nos-emos, porém, se pensarmos o silêncio como ausência de linguagem. Mas como não quero encetar já a reflexão mais detalhada que proporei adiante, achei que devia começar por me acercar deste lugar extraordinário mediante a linguagem do testemunho.

Como alguns sabem, eu estive e cheguei a ser professo nos Marianos da Imaculada Conceição (MIC), que aqui estão, pela mão do Frei Casimiro, desde o dia 6 de Setembro de 1754; passei no alto deste monte largos períodos de tempo, chegando mesmo a viver aqui um ano, de forma continuada. Ora, o que foi essa minha experiência de habitante de Balsamão?

Começo pelo mais óbvio e mais evidente, ou seja, pela dimensão física do silêncio (porque há outras dimensões bem mais importantes). Já em tempos (em 1995) fiz aqui uma espécie de levantamento da morfologia sacral e arcaica deste lugar, à luz do simbolismo do *Centro* desenvolvido por Mircea Eliade, pelo que não vou aqui repetir essa análise. Mas vale a pena recuperar pelo menos a ideia de que Balsamão partilha dessa sacralidade antiga comum aos lugares altos, presente em todas as culturas, e de modo bem evidente nas capelas, oragos, santuários presentes nos montes do norte e do centro de Portugal. O monte Carrascal e, depois, Monte da Senhora do *Bálsamo na mão*, como se fora seio fecundo a emergir no fundo de um vale fértil, na confluência de dois cursos de água, terá sido lugar de fascínio 'religioso' e de peregrinação pastoril desde tempos imemoriais. Ora, nestes 'lugares santos' costuma haver uma espécie de alternância cíclica entre o som da 'festa' (*feria*) e o silêncio da jorna, entre o tempo sagrado da celebração e o tempo profano do trabalho. É provável que com a vinda e a fixação, aqui, de eremitões anacoretas, muito antes da chegada dos Marianos, tal alternância tenha pendido então para o lado do silêncio em virtude do estilo de vida por eles adoptado. Tenho para mim, aliás, que em virtude do carisma dos Marianos, uma ordem religiosa que veio do Leste, da Polónia, aquela alternância se consolidou, tanto mais que é uma congregação activa, mais falante, que nasceu com a dupla finalidade

da oração de intercessão das almas e de ajuda pastoral aos párocos, na pregação, nas confissões e na direcção espiritual dos fiéis.

Devo confessar que, quando vivia em Balsamão, uma das coisas que mais me impressionava era o contraste entre o ruído das romarias e das festas, ou a algazarra dos abundantes casamentos que no Verão aqui se realizavam (e realizam!), e o silêncio que depois se lhes seguia. Era um estranho silêncio, algo opressivo e não muito benéfico para um outro silêncio que, então, eu pensava ser de fomentar. Acho que nisto, aliás, e à sua dimensão, Balsamão nada difere de outros santuários maiores onde tal oscilação ainda é mais marcante, até porque já experimentei o mesmo silêncio pós-festa, por exemplo, em Fátima ou em Roma. "*Onde é que vais? Vou à Festa!!! De onde é que vens? Venho da festa...*".

Mas, e em sentido contrário, devo confessar que Balsamão — ainda só nesta dimensão física do silêncio, que alguns podem achar mais superficial — tem também muitos outros silêncios e murmúrios. Uma das experiências mais inesquecíveis que tenho daqui é a de, ao anoitecer dos dias de Verão, quando o Convento ainda tinha rebanho, dar um passeio pelo Senhor dos Cajados ou pela estrada à volta do monte e, por entre o silêncio absoluto da natureza, escutar o balir já esbatido dos cordeiros, do lado de lá do monte, embalar-me no som acariciado dos chocalhos das ovelhas a regressarem ao curral. E logo a seguir, ou um pouco antes, o sino da torre a tocar Trindades, lembrando-me das vésperas do poeta e do "*sino da minha aldeia, dolente na tarde calma...*"

É para mim difícil exprimir e traduzir hoje, em palavras, tudo o que então sentia — talvez seja mesmo impossível, sinal de que o silêncio não está apenas no fim do que se diz, ou no princípio, mas habita por dentro, em profundidade, toda a linguagem, tudo aquilo que dizemos —, mas era uma sensação de completo e absoluto acerto do ser; tudo estava bem, tudo estava no seu lugar, neste recolhimento do ser, como quem depois de um dia de trabalho ou de uma longa viagem, retorna ao aconchego acolhedor do lar. Depois, até mesmo esse doce rumorejar do crepúsculo desaparecia, dando lugar ao *Grande Silêncio* no alto do monte. Deitava-me então de

costas em cima de algum muro, contemplava imóvel durante muito tempo, às vezes horas, o imenso céu estrelado acima de mim, a leitosa Estrada de Santiago, e uma Paz imensa, inominada, vinda de profundezas dentro de mim, para as quais cada vez tenho menos *Nome*, invadia-me por completo. Perante a abóbada polvilhada de infinitos pontos, só louvor do salmista — «os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obras das suas mãos...» (Salmo 8) — traduzia o mais aproximadamente essa minha experiência dos vinte anos. Eu fui muito feliz em Balsamão! E é sempre com um alvoroço alegre que aqui retorno.

Não me interessam para já quaisquer interpretações dessas emoções, sejam elas de ordem psicológica, emocional, filosófica, religiosa, espiritual, literária, bucólica, etc., mas apenas testemunhar agora, tão rigorosamente quanto sou capaz, esse estado de júbilo e assombro que então me invadia todas as fimbrias do corpo e da alma.

Outra experiência também muito marcante para mim, em Balsamão, em que se cruza desta vez o silêncio e a voz, é a do Canto da Liturgia das Horas, muito em especial das Vésperas quotidianas. As pausas entre cada versículo dos Hinos, dos Salmos e, em especial, do *Magnificat*, o canto ritmado e alternado das antifonas e da Salmodia, a meditação depois da Leitura do dia, etc., eram a perfeita expressão do enlace nupcial entre silêncio e palavra, casamento que se encontra especialmente feliz na linguagem do louvor e nas pausas de uma partitura musical. Confesso que se há alguma coisa que, desse tempo, sinto verdadeiramente saudades íntimas, 'ontológicas', é do Canto das Horas e de tudo o que o mesmo envolvia.

E para concluir esta breve abertura de alma, poderia ou deveria aduzir ainda outras experiências originárias que passariam necessariamente pelo visita ao cemitério, a esta outra comunidade de 'vivos' que prolongava a nossa comunidade, a descida às águas termais da Abelheira, os rumorejos da inquieta água do Azibo, pacificada e pronta para um banho no Poço dos Paus, pelas uvas da vinha em Setembro, rubras e prontas para o espumoso vinho, pelos morangos da horta, pelos sabores genuínos da manteiga, do leite

desnatado, do variegado mel das nossas colmeias e do pão acabadinho de cozer — mas como também esses odores e sabores jamais podem vir inteiros, íntegros à linguagem, termino assim este brevíssimo testemunho, com estes sussurros balsâmicos que me vêm do fundo da memória. À medida que os anos vão avançando, e fruto das tantas itinerâncias da minha vida, dou comigo a pensar que Balsamão é o lugar onde um dia *gostaria de repousar...*

II

Em torno do psitacismo

Neste segundo ponto quero começar por esclarecer um dos termos da segunda parte do título que propus: «Do psitacismo à contemplação». As palavras, — as que já existem no dicionário e todas as que ainda hão-de ser inventadas — não nos devem meter medo, pois elas são princípio de economia e de enriquecimento do que queremos dizer. Se «psitacismo» é uma palavra não muito usual, quis mantê-la, apesar de algumas reservas dos organizadores, apesar de tudo, pois afinal, para que serve esta realidade espantosa de um 'som significante' senão para criar, revelar e abrir clareiras no/o nosso mundo e para dar voz ao '*não sei quê*' presente em todas as nossas experiências? Ou talvez, sabe-se lá, seja aquele abrigo que nos protege da inospitalidade, do silêncio absurdo, do mal e do sem-sentido que noutras vezes o mundo também patenteia...

Às vezes uma criança que ainda há em mim, e que teima em não me abandonar, fica fascinada com a linguagem, com as palavras, com a magia dos sons por onde passa e encarna um significado ou uma acção, e então, algo '*imo corde meo*' estremece com as primeiras palavras do evangelho de São João: *No principio era o Verbo...*, *In principio erat Verbum*. Deus não tem palavras: é Palavra, diz-nos S. João. E também não há mundo sem palavra, pois, *por ele, Verbo, tudo foi feito*. Muitas coisas há que não existem para nós (ou ainda não existem) simplesmente porque não temos palavras certas para as designarmos, ou ainda não acertámos com a expressão exacta. Contudo, quando descobrimos a linguagem apropriada — e

pode ser a música, a matemática, a poesia, a botânica, a enologia, a liturgia, — ah!, que clarão, que alegria não invadem então a nossa alma! É o mundo em estado nascente, continuando a ser criado diante dos nossos olhos, ou *cantado*, como gostava de dizer Agostinho a propósito da sua doutrina da criação contínua (*creatio continua*). Há, portanto, uma necessidade de dizer, de comunicar, de confessar e de criar mundo que nada tem nada a ver com o psitacismo, como à frente direi.

Ainda assim, insisti para que o termo 'psitacismo' ficasse. Porquê? Porque ele é o ambiente que nos rodeia hoje, traduzindo rigorosamente o contrário quer da comunicação quer do silêncio. Psitacismo quer dizer ruído, barulho; falar, falar, sem nada dizer; papaguear com uma urgência estranha, patológica. A psicopatologia qualifica o psitacismo como a doença de quem é incapaz de estar calado e que tem constantemente de repetir maquinalmente palavras e frases, sem pensar e sem raciocinar no que elas significam, como se fosse simplesmente para espantar o silêncio físico.

Acho, contudo, não precisamos de ir tão longe, pois muito antes deste limiar nosológico já encontramos pessoas, no nosso dia-a-dia, que, sem estarem propriamente doentes, precisam muito de falar, de falar continuamente, falar de si, dos outros, contar histórias que se encavalitam noutras histórias, pessoas que têm um medo atroz de estar sozinhas, do silêncio. E devemos ser muito cautos e não julgar apressadamente, porque por detrás dessa compulsão existem histórias de vida tremendas, solidões, depressões, acédias... O 'inferno' é bem capaz de ser qualquer coisa desta ordem.

Outras pessoas há, como eu, que são como que "obrigadas" a falar por dever de ofício: os jornalistas, os advogados, os médicos, os padres, os professores... Por exemplo, nalguns dias da semana em que eu, neste semestre, tenho oito horas de aulas! Às vezes, ao fim do dia, já não me posso ouvir a mim próprio; preferia ficar calado. Como afirmava Agostinho a respeito dos seus próprios *Sermões*, «*gaudeo ubi audio..., non quando praedico*» (*Sermo* 179, 2, 2). Mas eu também, professor há vinte anos, *venditor verborum!*, sou pago para falar; não devo nem posso ficar calado; também o jornalista no

directo, especialmente na rádio (mas não só, também na Televisão), não pode ficar mudo; o advogado na barra tem de falar, interceder, acusar... Talvez no púlpito, às vezes o Padre ainda possa ficar calado e assim pregar silenciosamente convidando os fiéis à escuta de uma Palavra que não é sua. Mas, lamentavelmente, às vezes nem ele resiste ao psitacismo...

Abunda entre nós um barulho instituído, deliberado, estrategicamente pensado: por entre o estendal dos escaparates onde mil revistas inúteis se atafulham, pelas centenas de canais televisivos da MEO, da Cabovisão ou do Intelsat, por entre centenas de *mails*, *sites*, *sites de sites*, *Google*, *youtubes*, telemóveis, mp3 e mp4, *iPhones*, *tablets* e e quejandos, é uma torrente infinda de palavras (e de imagens) para que *não pensemos em nós próprios*, como dizia Pascal a propósito do Rei sempre rodeado de quem o distraísse e divertisse, para que não caísse em si mesmo. O mesmo Pascal, crente, aliás, que afirmava ficar arrepiado com o *silêncio dos espaços infinitos*, o qual, por outro lado, dizem-nos hoje os astrofísicos, não é silêncio nenhum, mas um contínuo ruído fóssil do *big bang*, sinal rádio que nos chega de todos os cantos o universo (o Venerável Beda, continuando o ensinamento dos pitagóricos, dizia-nos outrora que era 'a música das esferas').

Deixemos porém esse cósmico ruído de fundo. Reafirmo que, culturalmente, tudo está pensado para que não possa haver um minuto de silêncio. Para que não haja escuta. O silêncio é perigoso, subversivo, fomenta a consciência. Por isso também a leitura individual, silenciosa, quase que é hoje banida; é quase associada hoje ao onanismo, a um daqueles 'perigosos' prazeres solitários... Noutras leituras, o silêncio é associado ao tédio, ao aborrecimento, estar desligado, falha técnica, não ter sinal, ocorrência de uma avaria, sistema em baixo, estar 'off': eis hoje o pecado capital! Esta é uma coisa que, pessoalmente, incomoda tremendamente: não há Centro Comercial, não há loja, não há aeroporto, elevador, não há praia, não há recanto onde não esteja sempre uma TV, um aparelho rádio, um altifalante, um terminal de computador, etc., etc.. Lugares hoje onde não se apanhe rede da Internet, são culposamente apontados como

estando na pré-história... Por isso até já os conventos sentem necessidade de instalar redes *wireless*. Estudos recentes mostram que quando as pessoas estão agitadas, aceleradas e frenéticas consomem mais, falam mais. Até as nossas crianças são ensinadas a ser impacientes. É para mim claro que este meio ambiente de *barulhento* caótico (apesar de haver uma *Lei do Ruído* em vigor) tem de gerar pessoas que precisam de dissipar e de falar, de um momentito de glória quando forcejam por aparecer nos directos da Televisão, mesmo que seja gritando ou empurrando o repórter, ou nos *talkshows* onde precisam de mostrar o *piercing* do seu umbigo, querendo erigir a sua história privada, a sua pequenina narrativa, o seu mito individual em epopeia mediática, por exemplo, no *Big Brother* ou na *Casa dos Segredos*. É a estas palavras ruidosas e fragmentárias do consumismo que eu chamo psitacismo sistémico, civilizacional. As pessoas foram tão habituadas a falar, tão domesticadas a latir, induzidas a ganir, que se não há ruído é como se faltasse uma droga³.

Mas isto, parece-me, verifica-se até em muitos outros espaços da nossa vida, por exemplo, o hodierno espaço científico e cultural: são milhares e milhares de Congressos, Simpósios, Colóquios, Seminários, Jornadas... 'Gerede' e tagarelices sem fim... inclusive no espaço religioso: muitas pessoas querem mais esta ou aquela devoção, mais uma celebração, *encomenda d'almas*, mais um matrimónio, mais uma 'missinha', consumismo sacramental, mais isto, mais aquilo, mais palavras!, palavras!, de tal forma que o espaço público, religioso ou não, é uma imensa cacofonia, onde jamais há diálogo, palavra viva e eficaz.

Na TV e na Rádio abunda a oferta de um infindo e multicolor discurso religioso, desde a Canção Nova à Igreja Universal do Reino de Deus, Mórmons, passando por mil outras igrejas e seitas (falo

³ Sobre possíveis relações com Freud, Pavlov, Lacan, etc., a propósito da *fixação numa fase oral, de uma "retórica" no inconsciente, ou da psicanálise colectiva, do consumismo palrador, etc.*, cf. Tito Cardoso e Cunha, *Silêncio e Comunicação. Ensaio sobre uma retórica do não-dito*, Livros Horizonte, Lisboa, 2005, texto que foi para nós muito inspirador.

especialmente do Brasil e dos EUA). A acreditar nestes novos areópagos da salvação, Deus fala hoje mais estridentemente que nunca falou e alguns presumem escutá-lo a todo o momento, milagreiro em directo, quase ao telemóvel... Mesmo aqueles que crêem sinceramente em Deus e não o imaginam como um Político a legislar leis ou códigos morais, como um Juiz a sentenciar e castigar, ou como um professor moralista da Humanidade, mesmo esses estão longe do silêncio quer dos místicos quer daquele silêncio simples e perturbante dos cartuxos franceses, perto de Grenoble (cf. o filme *Die Grösse Sittle*, Philip Gröning, 2005).

Muitas vezes a via mística (ver por exemplo João Escoto Eriúgena, Mestre Eckhart, Jacob Bhöme, Angelus Silesius, Margarida de la Porrete, S. João da Cruz, etc.) tem sido objecto de suspeita por parte dos saberes e ortodoxias oficiais, que defendem o silêncio mandado, obrigado (*Roma locuta, causa finita*), precisamente por causa da sua reserva de silêncio em relação a si próprios e à natureza última de Deus (*gotheit*). Os místicos falam amiúde uma linguagem estranha, de Deus como *Treva*, como *Noite*, como *Unidade e Silêncio* abissais, ou finalmente como *Nada* (disto), como se quisessem esgotar e extenuar a linguagem comum, de modo a fomentar outras formas de comunicar. A experiência mística de algum modo aponta para qualquer coisa diferente do *Génesis* ou do Prólogo do evangelho de João, que acima referi, de que '*Deus disse, e as coisas foram...*', que '*No princípio era o Verbo... E que o Verbo era Deus*', etc. Certas leituras teológicas defendem, até, que o triunfo do modelo trinitário representa o sucesso de um cristianismo excessivamente retórico e palavroso (*dizemos para não ficar calados?*⁴), da via afirmativa (catafática), que afirma o Verbo eterno em Deus, uma eterna narrativa *ad intra* (*circumincessio*). Em suma: para uns Deus é um silêncio abissal, imemorial, interrompido pelo *Lógos* da origem (v.g. J. Tauler); para outros Deus é, desde sempre, Palavra: *no princípio era o Verbo*.

⁴ *De Trinitate*, V, IX, 10: «Tamen cum quaeritur quid tres, magna prorsus inopia humanum laborat eloquium. Dictum est tamen tres personae non ut illud diceretur sed ne taceretur.»

Enfim, não temos por que nos jogar aqui em qualquer destas alternativas⁵, porque para nós não há qualquer oposição entre o silêncio e a palavra, pois ambos são solidariamente 'linguagem'. Por exemplo, quando há conflito interior, dor, sofrimento, a melhor forma de os superar e trazê-los ao espaço da palavra, da ajuda, aconselhamento de outrem, à *confissão*... Mas, por outro lado, seja como for, a nossa experiência primeira, hoje em dia, crentes, descrentes ou ateus, não é nem a do silêncio nem a da palavra, mas em primeiro lugar a do omnipresente *ruído* que se opõe a ambos e os exclui. Este é o dado imediato da nossa consciência pós-moderna, que tem na técnica, sua aliada, o mais eficaz artífice do barulho. O *ruído* é o que hoje mantém continuamente humilhados quer a palavra quer o silêncio. Impõe-se uma ecologia do silêncio.

Mas chegados a este ponto, temos de sublinhar um aspecto fulcral, de modo a não nos tornarmos nem maniqueus, cépticos ou místicos apressados: é que o ser humano é em si mesmo *homo loquens*, é um ser falante, de palavra⁶. Não podemos nunca deitar fora linguagem. Se recuarmos já não digo os 400 milhões do nosso cartaz, mas alguns milhares de anos (se bem que a questão mergulhe muito mais profundamente na noite dos tempos, como refere G. Steiner, em *Depois da Babel*), vemos que humanidade nasceu a falar, a fabular, a inventar histórias e mitos, tal como as crianças que falam ou assobiam no escuro para espantarem os seus medos. Só que a corrupção das coisas boas não é má: é péssima! (*corruptio optimi pessima*) É por isso que importa reconhecer que o silêncio também é linguagem e mesmo a própria condição da comunicação. Aquele silêncio que parte da escuta prévia não é o contrário da comunicação, mas o adequado fundo a partir do qual ela é possível.

Falar e ser escutado é assim uma necessidade fundamental do ser humano. É por isso que desde o mais fundo dos tempos, como acima disse, se ia periodicamente a certos lugares chamados 'Santuários' para aí fazer pedidos aos deuses, celebrar, contar e dramatizar as suas histórias exemplares (*Enuma Elish*, *Epopéia de*

⁵ Max Picard, *Le monde du silence*, PUF, Paris, 1954.

⁶ Cf. Georges Gusdorf, *La Parole*, PUF, Paris, 1977.

Gilgamesh, na Babilónia, etc.), escutar os oráculos pelos seus intermediários: pitonisas, sibilas, adivinhos, xamãs, hierofantes, profetas, sacerdotes, etc.. Foi nas narrativas míticas e religiosas que a necessidade primordial de ouvir e de falar mais se polarizou. Basta dizer 'Era uma vez...', ou 'Naquele tempo...' e a magia musical da narrativa instala-se imediatamente. Estamos todos dentro de uma das *1001 Noites*... A acreditar no mito de Orfeu, até as feras ficam mansas! É claro que as religiões incorporam também o silêncio — mas o seu reino privilegiado é o da Palavra, primeiro oral, e, depois, da palavra passada a escrito, fixada, pregada, formulada em Credo, como a história das religiões atesta: escrituras, exegese das mesmas, *kerigma*, apologia, refutação, homilias, sermonário, catequese, direcção espiritual, confissão, etc.⁷

Também a Filosofia grega nasceu com a mesma necessidade de falar e de dar nome às coisas, pois o que permanece 'sem nome' é como se estivesse na *Noite* do não-ser, mete medo, aterroriza, arrepiá. Entre o *Mythos* e o *Logos* há, assim, mais continuidade que ruptura. É por isso que Sócrates falava, dialogava continuamente; que Platão escreveu uma obra imensa plena de narrativas e mitos; que Aristóteles definiu o homem como 'animal detentor de logos' (*zôon ékon lógon*) que por isso é um ser social e político (*zôon politikón*), que vive com outros, em virtude de possuir o domínio da palavra.

Mas foram precisamente também os excessos da Retórica e da Política em Atenas e Roma (Santo Agostinho incluído⁸), onde, ao contrário da parcimónia espartana, a palavra era rainha e senhora (v.g., em Péricles, em Demóstenes, em Cícero, em Quintiliano, e ainda que que a retórica seja uma exímia gestora do silêncio, das pausas...), e o cortejo das suas imensas metamorfoses no Ocidente (teológicas, filosóficas, jurídicas, científicas, políticas, artísticas, ...), aquilo que de algum modo nos trouxe até hoje, a esta nossa situação

⁷ Cf. José Maria Silva Rosa, "Religião: humanismo ou violência?", in: *Razão e Liberdade. Homenagem a Manuel José do Carmo Ferreira*, Vol. I, Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010, pp. 217-244.

⁸ Cf. Isidro Pereira Lamelas, *A alegria da palavra*, Edições Tenacitas, Lisboa, 2012.

ruidosa e barulhenta, onde muito pouco há espaço para a escuta. Ou melhor, ainda há espaço para a escuta, mas tem de ser laboriosamente conquistado, activamente querido. Não sendo hoje, de modo nenhum, dado imediato, o silêncio — o exterior mas, sobretudo, o interior, que é bem mais difícil — tem de ser construído, tem de ser desejado e acarinhado como qualquer coisa de muito frágil e muito fino. O silêncio é também da ordem daquilo que se pode quebrar ou romper...

III

Do silêncio à contemplação

No Ocidente, mas também nas tradições orientais: indiana, chinesa, japonesa, ..., o silêncio costuma naturalmente associado à vida monástica, se bem que não se esgote nela. Falámos acima da Grande Cartuxa de Grenoble, onde o silêncio é estrito; mas podemos recuar ao *Ora et Labora* da Regra de São Bento de Núrsia, onde, embora menos rigoroso, também está presente. E pode-se referir igualmente outras tradições religiosas, como a dos sufis muçulmanos, os *Essénios* do tempo de Jesus, os Terapeutas da Tebaída e do Fayoum, no Egipto; ou até mesmo ao regime filosófico de vida dos pitagóricos iniciantes (chamados *acusmáticos*, i.e., que apenas *escutam e não perguntam*), para vermos que em todas as culturas, a par do discurso oficial (miotos, narrativas, histórias, crónicas, gestas, etc.; os vencedores têm sempre muitas palavras para contar), há quem veja no silêncio uma via de acesso ao segredo transfigurador da vida. É por isso que falar sobre o silêncio é paradoxal e contraditório se não auscultarmos o silêncio que envolve por dentro tudo aquilo que dizemos. E não é só por quando dizemos uma coisa, não estarmos a dizer outra. Isso ainda releva daquela loquacidade interior da qual Agostinho pedia a Deus que o libertasse. Não é a isso que nos referimos; é a outra coisa: é um silêncio que habita por dentro a profundidade de cada palavra, como acontecia com Francisco de Assis, que, quando começava a rezar o Pai-Nosso, nunca passava da palavra 'Pai', abismado na fundura da paternidade divina.

Assim, e mesmo que seja um processo exterior porque nunca podemos *dizer o silêncio*, mas apenas *falar dele*, pode ser elucidativo proceder a uma espécie de *fenomenologia do silêncio*, isto uma descrição de algumas das suas modalidades e significados. Queria dizer apenas uma palavra de passagem sobre Santo Agostinho: no livro IX, 10, 25, das suas *Confissões*, Agostinho narra-nos o êxtase de Óstia, em que ele e sua mãe Mónica, almejando a vida eterna, primeiro em diálogo, depois já subindo juntos, já em silêncio, «atingimo-la por um instante, com todo o bater do coração; e suspirámos, e deixámos aí presas as primícias do espírito, e voltámos ao ruído da nossa boca, onde o verbo começa e acaba.» Agostinho começa aqui o que podemos chamar uma fenomenologia do silêncio, com o qual, aliás, tem relação paradoxal. Noutra passagem confessa que bem desejava ficar calado, pois «De que serve o estrépito da boca / o ruído da voz se o coração está mudo?» («*Quid prodest strepitus oris muto corde?*», *In Ioannis euangelium*, IX, 13). Mas outras vezes o coração está cheio de palavras, de *palavras palavrosas*, que ele sofre interiormente porque lhe acodem ao espírito (réstias das mnemónicas retóricas treinadas na juventude), e ele quer libertar-se delas para fazer silêncio interior. A sua vida e os seus sermões estão peçados desta tensão entre o silêncio místico e o silêncio ascético (queria ser monge e acaba bispo). Na *Cidade de Deus* XII, 7, o silêncio é mesmo associado ao *nada*, ao *não-ser*: *querer saber a causa por que uma vontade boa faz o mal é como querer ver as trevas e ouvir o silêncio*. Entre o êxtase de Óstia e *A Cidade de Deus* vemos que Agostinho oscila entre uma consideração positiva do silêncio e uma mais negativa. De um modo ou de outro, o eterno Agostinho em luta contra os cépticos, quais 'místicos apressados', é sempre um homem mais da Palavra que do silêncio (como S. Anselmo, S. Bernardo ou S. Tomás). Para ele, o silêncio está só no fim, depois da palavra. Admiti-lo no princípio seria ceder ao pirronismo mudo. O silêncio pode ser a colheita da tarde, do fim do dia, o *Sabbath* sem ocaso com que termina as *Confissões*. Mas até lá temos de semear, de falar, de pregar (e pregou c. 8000 sermões!), de

incentivar, de louvar..., procurando passar por entre Scylla e Caribdis, i.e., evitar quer a tagarelice quer o mutismo.

Mas deixemos por agora os enredos de Agostinho (também fala do silêncio na na Regra, no âmbito da disciplina monástica, tendo assim entrado longa tradição nas pedagogias de São Bento, Martinho de Dume, S. Frutuoso, ...) e tentemos por nossa conta ensaiar uma *fenomenologia do silêncio*. Ficou claro acima que para nós o silêncio é um dos modos da linguagem, não a sua ausência ou negação, como acontece com o ruído. Deste modo, podemos dizer que, tal como o ser, também o silêncio se diz de muitos modos. Quer dizer: os silêncios não são todos iguais, não se equivalem. Há, por exemplo, o silêncio ascético e disciplinar, um exercício regrado por razões de oração, de estudo, de economia de trabalho; e há o silêncio místico, terminal, do fim do dia. Em latim há até uma diferença semântica notável entre *tacēre* (calar-se) e *silēre* (fazer silêncio): a primeira diz negativamente uma interrupção na fala, sentido que suprime e manda calar algo que ia ser dito; a segunda exprime um activo silenciar-se mais interior e ontológico, como que uma preparação ou iniciação para escutar algo essencial. Há ademais também o silêncio ou sigilo profissional, o segredo da confissão, o silêncio hierárquico imposto por quem tem o direito à palavra (o juiz, o professor, o patrão, o chefe militar, o regimento de uma Assembleia, etc.), o silêncio obrigatório em certos tempos e lugares (na igreja, nos hospitais, nas escolas, nas bibliotecas, etc.).

Vale pois perguntar: que queremos dizer quando ficamos em silêncio?

Podemos começar por não dizer nada ao dizer que queremos dizer muitas coisas. Mas antes de nós, a *vox populi* já começou a responder: 'quem cala consente!' Assim, nesta constelação de sentidos que queremos apurar, um primeiro parece ser o de aprovação tácita de alguma coisa que outrem disse ou fez. Chamemos-lhe o silêncio da cumplicidade ou da conivência, o daquele '*manto de silêncio que se estende*' ou do '*muro de silêncio que se ergue*', metáforas da atitude de quem prefere uma paz envernizada, talvez podre, uma *détente*...

Mas é evidente que nem sempre quem cala aprova. Na Política, v.g., a gestão do silêncio pode uma forma efficacíssima e gritante de comunicar e tirar o tapete a outrem... O silêncio do 'quem cala consente' pode ser também, e é muitas vezes, apenas o silêncio do medo, de quem não diz porque não tem coragem, temendo as consequências do que disser, em virtude da sua dependência física, económica de quem tem a palavra oficial, da palavra poderosa, normalmente masculina no recolhimento dos lares... Deste tipo de silêncio, às vezes constrangido e recalcitrante outras de *cortar à faca*, estão cheias as nossas violências domésticas, as nossas escolas, as nossas empresas, as nossas instituições públicas, as nossas comunidades (não aconselha Paulo 1Cor, 14, 34, *que as mulheres estejam caladas na igreja, porque não lhe é permitido falar, mas sejam submissas...?*), a nossa Segurança Social que, por estes dias, obriga os desempregados a apresentarem-se de oito em oito dias em humilhante silêncio, como se fossem criminosos com termo de identidade e residência...

Nesse sentido, o silêncio consentido aproxima-se do silêncio imposto, estreitamente relacionado com a censura, a ditadura, o silenciamento antidemocrático e totalitário. Na Psicanálise fala-se do silêncio como medo e defesa: medo que primeiro gera o recalçamento e medo do seu retorno, o não-dito. Recordamo-nos do *Génesis* e de um Adão a esconder-se sorrateiramente ao ouvir passos no jardim... A Psicanálise, como a confissão cristã, aliás (Foucault), bem pode assim ser vista como uma Terapia da Fala.

Tentemos compor ainda mais e melhor este ramalhete de sentidos. Não será verdade que muitas vezes o nosso silêncio significa desprezo? Na vida social é talvez até a forma mais terrível de silêncio: deixar de falar a alguém, ignorá-lo é praticamente o equivalente linguístico de uma "pena de morte". Não se **ouve** amiúde: «Deixei de lhe falar. Para mim é como se ele/ela nem existisse.»? E não falo do silêncio momentâneo do amuado, que é outra coisa.

É comum, porém, que o silêncio de desprezo, se for exasperado, pode facilmente desencadear a violência (muitas vezes silenciosa!) ou então o silêncio *verde da raiva*, o silêncio da

hostilidade declarada, que fala sempre apenas nas costas, ou ainda, e finalmente, o pior de todos: o silêncio do ódio amadurecido, remoído, alimentado rancorosamente na alma, à espera da sua oportunidade (A. Daudet, *A mula do papa*). Outro dos mais terríveis silêncios, hoje, é o do esquecimento. Que o digam os velhos literalmente despejados e esquecidos nos lares que amanhã serão os nossos...

Enfim, provavelmente nunca será possível esgotar os sentidos que o silêncio pode assumir, até porque variam muito de cultura para cultura (nórdicos/latinos; Oriente/Ocidente,...). Mas ainda assim gostaria de continuar com algumas variações. Até aqui falei do silêncio como expressão de algo negativo *que se faz*. Mas simetricamente ele bem pode expressar algo negativo *que se sofre*. O silêncio do sofrimento é uma das experiências mais transversais e mais gritantes da Humanidade. Pode ser, v.g., decorrente de uma necessidade de proteger terceiros. Job grita, revolta-se, levanta-se e pede contas a Deus porque não compreende. Ao invés, o *Servo Sofredor*, de Isaías 53, homem das dores, rejeitado, desprezado como um verme, era levado *sem abrir boca* como cordeiro ao matadouro. Nos muitos matadouros e *Getsémanis* da História (em aramaico, *Gat Shmānē* significa 'prensa de azeite'; a ideia da história como uma 'prensa de azeite' ou 'moinho de pão' é uma das metáforas mais tremendas de Agostinho), talvez o grito muitas vezes queira sair, sem conseguir, ficando rouco, extático, mudo, qual nó apertado na garganta... *Stabat mater dolorosa / juxta Crucem lacrimosa / dum pendebat Filius...* Algumas vezes Cristo também nada disse: perante Herodes, Pilatos, os Fariseus que queriam saber com que autoridade..., perante 'Galileus raivosos'... *Jesus seguiu o seu caminho* (Lc 4, 28). *O silêncio dos inocentes*, para lembrar aqui o nome de um filme famoso (*The Silence of the Lambs*, Jonathan Demme, 1991), o silêncio das vítimas sem culpa, de crianças sucessivamente violadas ou mortas, é qualquer coisa de tão abissal, tão gritante que de repente que todo o sentido do nosso mundo parece desaparecer, porque o próprio 'Deus' se tornou também para nós num *Grande Silêncio*. Para o crente este silêncio é a mais terrível das provas, o maior tormento, abrindo talvez (ou não!) para aqueloutro silêncio, o

da paciência, o silêncio de alguém que espera contra toda a esperança... Para o descrente, porém, o silêncio só pode ser o sinal de que Deus não existe (argumento poderoso que o próprio São Tomás considera em primeiro lugar).

Mas talvez neste ponto, que é de interrogação radical, uma outra modalidade de silêncio venha em nossa ajuda: o silêncio da simples ignorância, daquele que confessa que não sabe, que não tem, não quer nem pode ter a última palavra sobre o Mundo e sobre a História. O silêncio que vem da ignorância que tem consciência de si mesma costuma ser sábio, ao invés da que se desconhece, que costuma ser loquaz, tagarela, atrevida... *Pela boca morre o peixe*, diz o povo.

Afirma Agostinho, no seguimento de Aristóteles, que a confissão de ignorância é a «mãe da admiração» (*Conf.*, XIII, 20, 30: *ignorantia mater admirationis*) e até um grau do saber (*confessio ignorantiae gradus est scientiae*, *Sermo* 301, 3). O silêncio da ignorância, antes de gerar a interrogação, mãe dilecta da Filosofia, gera o espanto (*thauma, thaumazein*), o contínuo maravilhamento, por exemplo, de um S. Francisco de Assis diante da «irmã água» ou da «irmã morte», ou, porque não dizê-lo também?, de um agnóstico como Jacques-Yves Cousteau, no seu *Mundo do Silêncio* (Óscar, 1956). Entre as várias modalidades a que aludi, o silêncio do *espanto infante* é talvez aquele mais directamente conduz à contemplação, porque é um silêncio de escuta, de atenção: um silêncio interior aberto ao inaudito. E sem silêncio interior, o mais difícil de todos, o silêncio exterior é um inferno, bem pior que o psitacismo.

E é tempo de ir silenciando, não porque 'se vá cantar o fado', mas porque 'o silêncio é de ouro' e já começo a parafrasear em mim modo silente o conselho de Angelus Silesius: «Amigo, já basta. Caso queiras dizer mais, vai-te tornando tu próprio o silêncio e a essência»⁹, pois lá bem «no fundo da palavra há um noviciado que nunca tem fim.»¹⁰ O dizer humano jamais diz tudo.

⁹ Angelus Silesius, *Die Ros' ist ohn' Warum*, VI, 263 (*A Rosa é sem porquê*, edição bilingue, Vega, Lisboa, 1991, pp.76-77).

¹⁰ Jean-Louis Chrétien, *Saint Augustin et les actes de Parole*, PUF, Paris, 2008, p. 92.

Termino pois com uma nota vinda do Oriente. Se é certo, como sugeri acima, que Balsamão de algum modo se alterou a sua fisionomia espiritual, séc. XVIII, com uma nova linguagem pastoral vinda de Leste por acção do Frei Casimiro, deixem-me, então, ir ainda mais para Oriente, para o extremo, concluindo com uma daquelas historietas paradoxais do budismo Zen, chamadas *Koan*.

«Conta-se que certo dia mestre Kákua, o primeiro japonês que estudara Budismo Zen na China, abandonou o Palácio imperial. Ninguém sabe dizer o que depois lhe aconteceu. A história continua dizendo apenas que ele se foi embora. Meditava apenas. Sempre que alguém o encontrava, por acaso, na floresta pediam-lhe que viesse pregar. Ele vinha, dizia meia dúzia de palavras e desaparecia de novo para outro ponto da floresta, tornando-se cada vez mais difícil voltar a encontrá-lo.

Um certo dia, o Imperador pediu que ele lhe pregasse, a si e a toda a sua corte, o Budismo Zen. Mestre Kákua veio ao Palácio e ficou de pé, muito calado, diante do Imperador. Depois de ouvir o pedido, tirou então das dobras do seu manto uma flauta que ali tinha escondida e tocou nela apenas uma única nota. Inclinou-se, depois, profundamente, em saudação ao Imperador e foi-se embora.»

Este *Koan* acaba com um som singular: uma única nota. Se o Imperador tivesse insistido, talvez o final fosse ainda bem mais paradoxal. Noutro *Koan*, atribuído também a Kákua, este terá perguntado a um seu discípulo: «Batendo as duas mãos uma na outra temos um som. E qual é o som das palmas batidas com uma única mão?» Não sabe se o pupilo terá respondido alguma coisa, nem isso importa. Peço, pois, que também não batam palmas. Ou antes: batam-nas apenas com mão direita e escutem o som do silêncio.

Balsamão na lenda e na História

António Maria Balcão Vicente¹

Quem pretenda aproximar-se, pela primeira vez, do morro de Balsamão, rapidamente se confronta com as dificuldades que a Natureza colocou ao seu acesso. De facto, se exceptuarmos o flanco Sul-SW, o cerro ergue-se, íngreme, como se houvesse sido destinado a albergar algo de sagrado que importava preservar do comum dos mortais.

Muitos são os locais, semelhantes a este, que a tradição popular consagrou, reconhecendo-os como pontos onde a carga de sagrado mais se manifesta, qual *axis mundi* onde se potencia a comunicação entre os mortais e a divindade, tornando-se o elemento chave da organização do espaço em que decorre a vida da comunidade.

Falamos, naturalmente, de comunidades primitivas que mantinham com a Natureza uma íntima relação de «cumplicidades», pois, por experiência, sabiam que dela dependiam para a sobrevivência, não podendo, em circunstância alguma, quebrar os laços que com ela haviam estabelecido. Comunidades com uma sensibilidade que temos dificuldade em compreender, assente numa humildade incompatível com a nossa sobranceria tecnológica.

Quanto de verdadeiro não subsiste na voz do povo quando entoa ao som da velha braguesa:

*Na sombra dos tempos os velhos sabiam
Ouvir as vozes do mundo a falar
Onde o segredo é saber calar.*

*Na sombra dos tempos os velhos diziam
Tudo no mundo vivia a falar*

¹ Prof. Catedrático de História da Univers. de Lisboa, Apos.